

As práticas de multiletramentos no Projeto Tecendo Histórias

Andrea Barreto Borges¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4684-6020>

Diego Fernandes Coelho Nunes²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9033-9419>

Resumo

Este artigo apresenta uma análise das práticas de multiletramentos desenvolvidas no Projeto Tecendo Histórias, com ênfase na interação dos estudantes com os aspectos culturais do contexto em que estão inseridos. Este trabalho justifica-se pela relevância dessa proposta de extensão, desenvolvida no IFBA, campus de Santo Antônio de Jesus, por meio da qual foram realizadas pesquisas, cujos resultados foram registrados e socializados através de uma revista digital, com publicação de textos multimodais. Esta investigação objetiva analisar as práticas de multiletramentos a partir de temáticas relacionadas a Santo Antônio de Jesus, local onde vivem os sujeitos escritores. Os resultados da análise apontam para a importância das propostas que envolvam múltiplas linguagens e tecnologias, assim como demonstram a eficácia de atividades de escrita sobre as culturas das comunidades nas quais as pessoas envolvidas nas práticas multiletradas estão inseridas.

Palavras-chave: multiletramentos; tecendo histórias; escrita; cultura.

Abstract

This article presents an analysis of the multiliteracy practices developed in the Tecendo Histórias Project, with emphasis on the interaction of students with the cultural aspects of the context in which they are inserted. This work is justified by the relevance of this extension proposal, developed at IFBA, campus of Santo Antônio de Jesus, through which research was carried out, whose results were recorded and socialized through a digital journal, with publication of multimodal texts. This investigation aims to analyze the practices of multiliteracies based on themes related to Santo Antônio de Jesus, where the writing subjects live. The results of the analysis point to the importance of proposals involving multiple languages and technologies, as well as demonstrate the effectiveness of writing activities about the cultures of the communities in which people involved in multi-literate practices are inserted.

Keywords: multiliteracies; tecendo histórias; writing; culture.

1 Introdução

No contexto atual da hipermodernidade (ROJO; BARBOSA, 2015), a escola reflete, de forma cada vez mais intensa, as mudanças que o mundo vivenciou nos últimos anos, seja em função do uso frequente das tecnologias digitais, seja pelas transformações no campo social, político, econômico, identitário, educacional, dentre outros.

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagens pela UNEB. Professora EBTT de língua portuguesa no Instituto Federal da Bahia, campus Santo Antônio de Jesus. Membro do DIALATEC (IFBA-Valença). E-mail: andreabarreto@ifba.edu.br

² Doutor em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. Professor EBTT de língua inglesa no Instituto Benjamin Constant. Membro do DIALATEC (IFBA-Valença) e do Grupo de Pesquisas Linguísticas e Literárias no contexto da deficiência visual (GPeLLDV-IBC). E-mail: diego.nunes@ibc.gov.br

Este cenário de inquietações e de provocações exige olhar investigativo e novas práticas, especialmente no que se refere à disciplina Língua Portuguesa, visto que estamos diante de novas formas de ler, de escrever e de se relacionar com as múltiplas linguagens, constantemente acessadas e produzidas em ambiente digital.

Os textos que circulam atualmente são bastante complexos. Tal complexidade foi apontada pelo Grupo Nova Londres com a publicação do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos, a saber: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos (COPE; KALANTZIS, 2009).

O educador que se propõe a ser responsável e a formar sujeitos cidadãos preparados para agir e interagir socialmente diante das constantes demandas sociais precisa pesquisar, revisar criticamente as práticas de letramento, vistas aqui como práticas de leitura e de escrita em todas as esferas, e não apenas nas atividades escolares (KLEIMAN, 2005).

Se as práticas de leitura e de escrita restritas aos textos verbais comuns às práticas escolares tradicionais não cumprem plenamente seu papel de integrar o indivíduo à sociedade e torná-lo competente para ler e para escrever em situações diversas, torna-se urgente investigar a pedagogia dos multiletramentos como um caminho possível para que a escola possa cumprir a sua responsabilidade de inserir os educandos no contexto social.

Diante desse desafio, tomamos como objeto de investigação o projeto de extensão Tecendo Histórias, desenvolvido no IFBA - *campus* Santo Antônio de Jesus, cujos estudantes vão à comunidade para ouvir histórias que marcam a relação de identidade das pessoas com a cidade, com as ruas e com as experiências em geral, objetivando a produção de uma revista eletrônica com textos multimodais.

Nesse contexto, por meio desta pesquisa, pretende-se analisar e compreender como se dão os processos de multiletramentos no projeto Tecendo Histórias, como ocorrem as práticas sociais de leitura e de produção de enunciados em diversas linguagens e como os discentes produzem os textos multimodais por meio de uma rede de interação com os colegas, com as pessoas da comunidade e com os pesquisadores.

Diante do exposto, o problema central para o desenvolvimento desta pesquisa é: analisando o resultado da primeira edição do Projeto Tecendo Histórias, concretizada por meio de uma revista, o que são práticas de multiletramentos? Como se dão os multiletramentos por meio do projeto?

Para tanto, aprofundaremos os conceitos de letramento e multiletramentos, bem como analisaremos criticamente algumas produções do volume 1 da revista Tecendo Histórias, as linguagens utilizadas e os aspectos das culturas locais apresentados, a fim de conhecermos e de apreciarmos o resultado das práticas multiletradas.

A produção de textos multissemióticos, com base em culturas locais, suscita também o desenvolvimento de uma noção de autoria, ou de lautoria, como explicita Rojo (2013), e o desenvolvimento do protagonismo dos participantes, pelo registro e pela divulgação do patrimônio, composto pela cultura, ou pelas culturas locais (CANCLINE, 2008 *apud* ROJO, 2013). Assim, esse aspecto também deve ser investigado, a fim de identificar se o desenvolvimento do protagonismo é um fator que se reflete na interação, em ações pedagógicas de multiletramentos.

Para a definição e para a análise dos gêneros do discurso, suas respectivas linguagens e suas temáticas, a pesquisa também toma como base as discussões do círculo de Bakhtin, dentre as quais existe a premissa de que os gêneros estão ligados à vida, ao contexto social em que as pessoas estão inseridas. A interação se dá, de acordo com o autor, “[...] em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2000, p. 279). O autor destaca que a língua/linguagem funciona em situações históricas concretas de interação, ultrapassando o caráter individual de

produção, pois sobressai o caráter dialógico nos contextos que chama de “campos sociais” ou “esferas de comunicação”.

Analisaremos a relação entre as linguagens utilizadas e as culturas que elas representam, nas diversas esferas de comunicação representadas nos textos/enunciados produzidos, destacando que os textos multimodais, característicos dos multiletramentos, não são compostos de linguagens fragmentadas e dissociadas. Por isso, abordaremos os conceitos de redundância, de complementaridade ou de contradição apresentados por Santaella (2007; 2014), que contribuem para a compreensão da relação entre imagem e texto verbal.

A pedagogia dos multiletramentos transgride as relações de poder estabelecidas e é interativa (ROJO; MOURA, 2012). Isso aponta para a necessidade de ressignificação de uma ordem estabelecida nos letramentos escolares, em que os gêneros, as linguagens e as esferas sociais geralmente são pouco diversificados. Nesse sentido, este estudo justifica-se pela importância da análise e da compreensão das práticas de multiletramentos desenvolvidas no projeto.

Somado a isso, justificamos esta pesquisa também pela possibilidade de refletir sobre mudanças, para que não continuemos repetindo as práticas que partem apenas de textos escolarizados, canônicos, historicamente valorizados na escola. Isso inclui, portanto, uma trajetória investigativa, cujos resultados são imprescindíveis para o projeto e para a educação como um todo, dentro da perspectiva da construção e do amadurecimento das práticas de multiletramentos.

2 O que são multiletramentos?

A formação do sujeito cidadão que age e que interage nas práticas sociais cotidianas requer a ampliação das concepções e das práticas de ensino de escrita, de leitura e de oralidade. Dessa forma, torna-se necessário que a ação docente vá além das atividades escolarizadas e didatizadas e do ensino de gramática normativa. Para tanto, o estudo do letramento (KATO, 1986; SOARES, 2004; KLEIMAN, 2005) possibilita a compreensão de que é, por meio do ato de ler e de escrever na escola e para além dos seus muros, que o sujeito pode inserir-se socialmente de forma cidadã.

As pesquisas sobre o letramento iniciaram no Brasil na década de 1980. Até então, não se falava em sujeitos letrados, e o tema em voga era o analfabetismo (SOARES, 2004). Isso demonstra a lacuna educacional histórica no país, dada a ênfase na falta e não nas habilidades de leitura e de escrita. Desde então, a evolução dos estudos perpassou por diferentes concepções, visto que as mudanças sociais e as evoluções tecnológicas impactam diretamente nas linguagens, nos seus usos e nas teorias que as estudam.

Segundo Soares (2004), o termo letramento foi utilizado pela primeira vez em 1986, por Mary Kato, em sua obra *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. Nesse contexto, havia ênfase na relação entre letrar e ensinar a norma padrão da língua. As demais precursoras desse estudo foram Leda V. Tfouni, em 1988, em seu livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*; e posteriormente Ângela Kleiman, em *Os significados do letramento*, de 1995.

A historicidade da palavra letramento no contexto educacional brasileiro é necessária para compreendermos a importância de seu surgimento, a lacuna que há no ensino de leitura e de escrita sem foco nas práticas sociais, e até mesmo para o reconhecimento de que, quatro décadas após a introdução do termo, ainda há, em 2023, dúvida e necessidade de aprofundamento sobre seu conceito.

Conforme aponta Soares (2004, p. 17), quando os níveis de analfabetismo começaram a diminuir, as novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Assim, para pensar em letramento, é preciso compreender que “a

escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la”. Tais consequências explicam o conceito de letramento: com uma sociedade cada vez mais complexa, com situações diversas que envolvem a leitura e a escrita, não basta apenas saber ler e escrever, é necessário usar esses conhecimentos nas práticas sociais, “respondendo às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente” (SOARES, 2004, p. 11).

Se compararmos as discussões sobre letramento atuais com aquelas realizadas no fim do século XX, quando os pesquisadores insistiam na relação com a alfabetização, percebemos que houve muito avanço, especialmente com as diversas pesquisas já empreendidas. O letramento vai além da codificação e da decodificação da língua. Um sujeito é letrado quando utiliza a leitura e a escrita de forma competente em diferentes práticas sociais.

Street (2014) é um dos primeiros autores que alargaram a visão de letramento, considerando mais adequado tratar de letramentos, no plural. O autor propõe um modelo ideológico de letramento, que reconhece que as práticas de leitura e de escrita estão sempre inseridas em contextos culturais e, além disso, estão relacionadas às ideologias e, conseqüentemente, às relações de poder.

O autor discorda da proposta teórica que privilegia uma forma de letramento como prioritária em relação a outras e rejeita a concepção autônoma de letramento, pois esta é uma habilidade “neutra”, técnica”. Street (2014, p. 17) defende letramento como uma prática ideológica, “envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos”, os “novos estudos do letramento”. Dessa forma, por abordar o caráter social e múltiplo das práticas letradas em contraposição a um letramento “único e neutro”, o autor trata dos letramentos sociais.

As discussões sobre as práticas de leitura e de escrita ganharam uma nova roupagem a partir de 1996, com a publicação do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos pelo Grupo Nova Londres. Assim, a sociedade, cada vez mais digital, requer a inserção, na escola, de textos que expressem a multiplicidade de culturas e de linguagens.

Como nos alerta Rojo (2013), os textos mudaram, a forma de se relacionar com eles também. Então, as habilidades de leitura e de escrita não são as mesmas. Antes, bastava à escola trabalhar a habilidade de ler e de escrever textos utilizando a linguagem verbal. Hoje, porém, há o desafio de aprender a lidar com textos multissemióticos, pois nossos estudantes, cotidianamente, interagem com produções que envolvem sons, imagens, áudios, vídeos, textos verbais, em geral, textos/enunciados caracterizados pelo hibridismo (ROJO; MOURA, 2012; ROJO, 2013), os quais, segundo Lemke (2010, p. 455), são “desenvolvidos em práticas sociais interdependentes que interligam pessoas, objetos midiáticos e estratégias de construção de significado”.

3 Contextualização do Projeto Tecendo Histórias

Frente à necessidade de analisar as práticas de multiletramentos, nosso olhar fixa-se para as produções de textos/enunciados multissemióticos, tendo como objeto de estudo o projeto de extensão Tecendo Histórias, desenvolvido no IFBA, *campus* Santo Antônio de Jesus. Por meio dessa proposta, os estudantes vão à comunidade para ouvir histórias que marcam a relação de identidade das pessoas com a cidade, com as ruas e com as experiências em geral.

O projeto Tecendo Histórias, que surgiu no ano de 2015, no início do processo de implantação do *campus* do IFBA em Santo Antônio de Jesus, justifica-se por proporcionar a prática de produção textual e a editoração eletrônica de revista, além de tecer as histórias do município, fundamentais na construção da identidade dos estudantes, na valorização e na

divulgação da “Cidade das Palmeiras”, como Santo Antônio de Jesus é popularmente conhecida.

A proposta começou com pesquisas e com produção de textos sobre a cidade e ampliou-se para outras linguagens, fazendo com que o Tecendo Histórias passasse a envolver três projetos: produção textual e editoração eletrônica de revista; fotografia; produção de roteiro e de vídeo para curta-metragem. Sendo assim, o IFBA oferece a Santo Antônio de Jesus múltiplas possibilidades de conhecer, de registrar, de valorizar e de divulgar as suas memórias, enfocando diferentes momentos históricos, diversos espaços geográficos e distintos aspectos culturais que compõem a riqueza da cidade. Destaca-se, contudo, que este artigo analisa as práticas de multiletramentos apenas no projeto de produção textual e de editoração eletrônica de revista.

As pesquisas dos discentes nas diversas comunidades em que estão inseridos têm como resultado produções com linguagens variadas e baseadas em temas antes não encontrados em pesquisas na internet, a exemplo da história de uma parteira, uma rezadeira, políticos da cidade, ruas, praças, um conhecido engraxate de sapatos, terreiros de candomblé, feira livre e seu intenso movimento, ONG de proteção aos animais, dentre outros. Portanto, o projeto em análise suscita o desenvolvimento de uma noção de autoria, ou de lautoria (Rojo, 2013), e o desenvolvimento do protagonismo dos estudantes, que divulgam o patrimônio cultural, trabalho relevante para as futuras gerações.

Para a produção da revista, são oferecidas atividades de leitura, de produção de texto e de editoração digital, a partir das quais resulta a produção da revista *Tecendo Histórias*, em duas versões: eletrônica e impressa. Para tanto, é essencial a realização de oficinas de produção textual, de informática básica, além de editoração eletrônica e metodologia da pesquisa (com ênfase na história oral e em técnicas de entrevista). Os estudantes também recebem noções de fotografia e de edição de imagens fotográficas.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), o projeto Tecendo Histórias está em conformidade com o PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (2014-2018), visto que atende aos seguintes objetivos:

Propiciar à sociedade o acesso ao IFBA, por meio de cursos de extensão, da prestação de serviços da participação em eventos culturais e artísticos ou outras atividades que garantam os objetivos da Instituição e o atendimento das necessidades do desenvolvimento sustentável regional (PDI IFBA, 2014-2018, p. 30).

Complementar a relação IFBA/Sociedade por meio da democratização do saber acadêmico e pelo estabelecimento de um processo contínuo de debates, fomento de ideias e vivências (PDI IFBA, 2014-2018, p. 30).

Portanto, a participação no projeto oferece não só oportunidade de socialização e de compreensão acerca do funcionamento da linguagem e de suas multimodalidades, como também atrela múltiplas possibilidades de aprendizagem e diálogo IFBA/comunidade à riqueza cultural e histórica do município.

4 Os multiletramentos no Projeto Tecendo Histórias

Senhor Gilberto Nery dos Santos, ou Gilberto Sapateiro, é engraxate desde a adolescência. Há mais de cinquenta anos, ele é visto, cotidianamente, sentado nas Quatro Esquinas, no centro de Santo Antônio de Jesus, engraxando sapatos. Muitas pessoas passam e o cumprimentam, outras procuram seu serviço e outras simplesmente não o enxergam ali. O que este homem de profissão simples tem a ver com o estudo dos multiletramentos?

O projeto Tecendo Histórias busca desenvolver o olhar para histórias e para memórias da cidade e promover a divulgação destas por meio de diversas linguagens. É imprescindível,

nesse caso, despertar o olhar e valorizar as diversas culturas e as diferentes pessoas que vivem e interagem diariamente nas ruas, nas praças, nas portas das casas e nos demais locais da cidade. Dessa forma, é importante destacar que o senhor Gilberto Sapateiro é tema do primeiro texto que aparece na primeira edição da Revista Tecendo Histórias.

Na análise da relação entre linguagens e culturas, há um aspecto relevante da teoria de Bakhtin (1981 *apud* ROJO, 2013), que trata da apreciação de valor. Tomando como base o referido autor, Rojo (2013, p. 28) afirma que

o que vai substancialmente definir a significação e o tema de um enunciado/texto é sobretudo a apreciação de valor ou a avaliação axiológica [...] que os interlocutores fazem uns dos outros e de si mesmos ou de seus lugares sociais e de conteúdo temático em pauta, que apreciado valorativamente, transforma-se em tema (irrepetível) do enunciado.

Portanto, essa relação que o(a) docente e, posteriormente, o(a) estudante estabelece com a cultura local, o valor atribuído a essa cultura e a si mesmo, dentro desse processo, é um aspecto relevante que influencia na construção da identidade com as produções multiletradas. Desse modo, quem lê a primeira edição da revista Tecendo Histórias depara-se, logo em sua abertura, com o primeiro personagem, cuja história é mostrada por meio de uma foto e de uma legenda, que destaca os mais de cinquenta anos de sua participação ativa na cidade.

O senhor Gilberto foi entrevistado e, com a devida autorização, sua fala foi gravada pelos estudantes. Além disso, foi fotografado, de modo que três linguagens entraram em cena: áudio, texto verbal e fotografia, sendo que apenas as duas últimas foram publicadas devido às limitações da revista. Nesse contexto de análise é relevante perguntar: por que apresentar, além do texto verbal, uma fotografia do senhor Gilberto? Por que usar duas linguagens?

Os estudos de Santaella (2014) são relevantes para responder tais questionamentos, pois a autora trata da relação entre texto verbal e imagem. Suas abordagens embasam a compreensão da relação entre as linguagens e das culturas locais, conhecidas por meio dos relatos orais ou de outras formas. Sobre os textos multimodais, a autora destaca o seguinte: há “redundância”, pela repetição, nos textos verbais e nas imagens, das informações a serem transmitidas; há “complementaridade”, pela integração entre as semioses; há “discrepância ou contradição”, quando as semioses se contradizem no texto/enunciado. Tais conceitos são importantes para a investigação dessas linguagens no processo de multiletramentos do sujeito, que o aproximam do contexto cultural e social, bem como possibilitam o uso de ferramentas digitais e a compreensão sobre as dimensões éticas e estéticas dessas tecnologias.

Ao reconhecerem a importância do senhor Gilberto para a história da cidade, os discentes escreveram uma síntese da sua atuação em Santo Antônio de Jesus e publicaram uma foto, destacando a sua presença marcante no centro da cidade. Assim, não há redundância no texto, visto que imagem e texto verbal complementam-se e são cruciais para o leitor da revista, especialmente moradores da cidade, pois estes, tomando como base o texto verbal e a foto, certamente o reconhecerão com facilidade ao passar no lugar em destaque na imagem, bem como saberão da importância histórica do senhor Gilberto. Caso se trate de um leitor de outro lugar ou de alguém que mantenha contato com a revista apenas no futuro, quando o senhor Gilberto, porventura, não estiver mais atuando como engraxate, ambas as linguagens enfatizarão a relevância desse ator social, visto que a profissão de engraxate, em vários lugares do mundo, é geralmente desvalorizada.

É importante salientar que, no projeto Tecendo Histórias, os discentes vão além de uma narrativa que coloca Santo Antônio de Jesus como a cidade do “comércio mais barato da Bahia”, *slogan* criado pela Associação Comercial da cidade na década de 1980, e passam a valorizar pessoas de todas as profissões, direcionando o olhar para sujeitos até então silenciados.

Figura 1 – Fotografia do senhor Gilberto feita por Humberto Santiago, um dos participantes do projeto Tecendo Histórias, em dia de visita às ruas da cidade. A edição da imagem foi feita por Edna Matos.



Fonte: Revista Tecendo Histórias, volume 1, p. 2, 2015.

Em relação às produções multiletradas, como analisar as histórias sobre a cidade? Há uma verdade ou há verdades? Essa pluralidade expressa nas linguagens também é encontrada nas diversas visões, a partir das quais são tecidas as histórias e as memórias, após andanças, conversas e reflexões.

Assim, destacamos a noção de protagonismo e de autoria, chamada por Rojo (2013, p. 6) de “lautoría” - uma junção do leitor e do autor -, visto que os estudantes produziram textos com temas inéditos e relevantes, a exemplo de “Hoje é dia de feira”, produzido por Girlana Andrade, que começa o texto fazendo um convite ao leitor:

Já imaginou o que podemos construir com uma lembrança? Pode ser uma grande história que podemos chamar de filme imaginário, que nos dá a impressão de viver de novo um tempo bom. Vamos viajar pela história da feira livre de Santo Antônio de Jesus?.

A maneira como a autora se posiciona, o passeio simbólico que faz ao passado, as fotografias que fez na feira livre, as diversas entrevistas, cujo resultado é apresentado no texto, demonstram uma relação de proximidade, de identidade e ressaltam a contribuição para a história da cidade. Isto é, multiletramentos, neste caso, não são práticas escolares limitadas ao desenvolvimento de atividades para obtenção de notas. Trata-se da produção de textos multimodais, que fazem sentido para quem produz, o lator, que lê e que escreve de modo a atuar, socialmente, como é o caso de Andrade.

Santaella (2007) trata do conceito de “criações conjugadas”, fundamental para entender a cultura de participação, cujos caminhos a serem percorridos são construídos pela interação dos sujeitos. As “criações conjugadas”, no caso do projeto Tecendo Histórias, contam com a participação da comunidade, cujos relatos direcionam, em alguma medida, a escolha dos gêneros e as linguagens multissemióticas. Esse perfil de produção é necessário para a quebra do paradigma curricular, com base em conteúdos que não tenham relação com a realidade do discente, pois, ao propiciar interações significativas, assim como ocorre na sociedade, a escola

favorece produções multiletradas como práticas sociais em diálogo com as realidades em que os sujeitos estão inseridos e com os contextos digitais.

No texto de Girlana Andrade, baseado em áudios das entrevistas gravadas, além da sua produção verbal, a autora mescla fotografias antigas e atuais, sendo estas feitas no dia de visita do grupo do projeto à feira. As práticas de multiletramentos não usam de linguagens aleatórias apenas para ilustrar os textos, pois estas dialogam de modo coeso nas produções, de acordo com os sentidos e com os gêneros. Assim, ao mostrar o cotidiano e a história de evolução da feira, passado e presente são demonstrados através da linguagem visual, em que o leitor pode compreender as mudanças e as relações estabelecidas nesse importante espaço de Santo Antônio de Jesus.

Figura 2 – Foto antiga de Santo Antônio de Jesus (do Arquivo Municipal da cidade), publicada no texto “Hoje é dia de Feira”, de Girlana Andrade. Revista Tecendo Histórias, volume 1, p. 7.



Fonte: Arquivo Municipal de Santo Antônio de Jesus

Figura 3 – Interação entre imagem e texto verbal. “Hoje é dia de Feira”, de Girlana Andrade.



Fonte: Revista Tecendo Histórias, volume 1, p. 8, 2015.

Ao analisarmos as produções multiletradas, buscamos os estudos de Cancline (2008, *apud* ROJO, 2013, p. 18), que caracterizam tais produções como processos de “desterritorialização, de descoleção e de hibridação”. A abordagem torna-se fundamental, visto que o autor trata dos patrimônios culturais em voga nas produções multiletradas. Dessa maneira, com base nesse novo leitor e autor (ROJO, 2013) que se apropria dos patrimônios culturais (ouvindo/lendo os relatos) da sua comunidade e que produz os diversos gêneros, essa vivência se reflete na postura e no protagonismo do discente, que produz textos híbridos, sobre temáticas até então raramente encontradas em ambiente digital.

Essa concepção é importante para refletirmos sobre a democratização dos processos de comunicação, que possibilita esse lugar de autoria, que pode ser visto como uma forma de inserção social. Desterritorializar e descolecionar textos já consagrados nas práticas educativas, propondo novos caminhos para ler e para escrever, de modo a promover a hibridização citada por Cancline (2008 *apud* ROJO, 2013), são práticas que ocorrem em constante diálogo com as novas tecnologias. Segundo Rojo e Moura (2012, p. 36),

[...] a escola ainda se restringe ao texto impresso e não prepara o aluno para a leitura de textos em diferentes mídias. É de suma importância que a escola proporcione aos alunos o contato com diferentes gêneros. [...] Ela também pode incorporar cada vez mais o uso das tecnologias digitais para que os alunos e os educadores possam aprender a ler, escrever e expressar-se por meio dela.

Assim, diante das novas formas de representação da linguagem, surge um novo perfil de leitores, o que nos leva a compreender que ler e escrever não deve se limitar ao mero exercício mecânico de decodificação, mas, sim, voltar-se ao desenvolvimento de estratégias e de habilidades no que tange à compreensão de textos multiletrados. Por isso, importa pensar a respeito da necessidade de trabalhar letramentos críticos, a fim de contribuir para a ampliação discursiva do aluno em sala de aula, colaborando, por conseguinte, para uma melhor compreensão do seu próprio contexto, como é o caso do projeto Tecendo Histórias.

Esse lugar de autoria e de protagonismo é significativo por estar intimamente integrado à cultura do(a) estudante escritor. Janaína Moraes demonstra essa relação ao escrever o texto “Santo Festeiro”, que aborda a importância dos festejos juninos para os moradores da cidade, no passado e no presente. A autora interage com o leitor ao introduzir o texto com: “Você já deve ter ouvido falar que as festas juninas eram comemoradas nas casas das pessoas, que recebiam visitas dos amigos e familiares” (Revista Tecendo Histórias, vol. 1, p. 9, 2015).

Trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação (“novos letramentos”), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunos (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados (como é o caso dos trabalhos com hiper e nanocontos) ou desvalorizados [...] (ROJO; MOURA, 2012, p. 8).

Essa reflexão sobre cultura e tecnologia aparece no texto da estudante, bem como o diálogo com textos/discursos comumente excluídos do contexto escolar. Para compreender o contexto dos festejos do mês de junho, a jovem participante do projeto conversou com pessoas da sua comunidade, a exemplo da senhora Zenilda. Sobre isso, Moraes descreve que

Dona Zenilda Borges, 42 anos, contou que, como naquela época não tinha internet nem whatsapp para se comunicar, ela sentava na porta de casa, reunia todo mundo e falava o dia que ia sair.

E

Por que abordar a diversidade cultural e a diversidade de linguagens na escola? Para pensarmos sobre essa questão, precisamos analisar como a escola tem se mostrado pouco atrativa para a maioria das pessoas, em especial para os jovens. Os autores e os textos lidos e discutidos são sempre de fora do contexto escolar, o que deixa implícito que há pouco valor no que é dito e escrito por pessoas da comunidade. Dessa forma, ter Dona Zenilda, assim como outros participantes da realidade local como fontes para as informações acerca dos festejos, certamente traz uma mudança na relação com o ato de escrever.

O texto “Do Consultório ao gabinete”, construído colaborativamente por Eliana Mello, Beatriz Almeida e Luana Diaquino, oferece muitos aspectos para serem analisados. Trata-se de um artigo de opinião, sendo que todos os gêneros utilizados nos textos da revista são da esfera jornalística. Para Bakhtin (1997), a linguagem permeia o cotidiano, a vida social, exercendo um papel central na formação do sujeito, em especial política e ideológica. Dessa forma, a partir desse texto, refletimos sobre a relação entre linguagem, interação, dialogismo e ideologia para o aprofundamento de um aspecto da política partidária em Santo Antônio de Jesus.

No referido texto, há a apresentação de dois políticos bastante conhecidos em Santo Antônio de Jesus, Ursicino Pinto de Queiroz e Renato Machado, cujas histórias estão expressas no título do artigo: ambos eram médicos que se tornaram prefeitos da cidade. O que há em comum entre eles? Por que é importante pesquisar, escrever e utilizar mais de uma linguagem para produzir e socializar textos multimodais com a comunidade?

Para realizar pesquisas e produções sobre os políticos importantes na história de Santo Antônio de Jesus, o aspecto interativo e ideológico é relevante, visto que não se trata apenas de lidar com o aspecto técnico da escrita, mas de envolver-se com a compreensão da história, com o que isso significa para a população, como a cidade foi sendo construída politicamente com a forte influência de profissionais da medicina.

Se toda linguagem é dialógica, todo enunciado é dialógico, interativo. No projeto, essa interação dá-se na interlocução com os entrevistados e na relação de quem escreve com os interlocutores, pois é a língua viva, em uso, numa prática social, em que não basta que os sujeitos se comuniquem por meio de palavras ou de orações, mas por textos significativos, produzidos com diversas linguagens.

Ademais, cumpre destacar que, para que práticas semelhantes ao Tecendo Histórias sejam efetivadas, em que uma revista é elaborada (ou que há outras formas de produção e socialização em meio digital), com diversas semioses, as escolas precisam dispor de laboratórios de informática adequados, munidos de aparelhos como *smartphones*, *tablets* ou *notebooks*, por exemplo, bem como de uma conexão de internet satisfatória e de um professor capacitado para promover uma aprendizagem interativa e colaborativa em um espaço apropriado para tal, entre outros aparelhos e suportes tecnológicos de qualidade.

Renato Machado e Ursicino Queiroz foram prefeitos em Santo Antônio de Jesus. Pesquisar e escrever sobre eles é uma ação que torna as escritoras protagonistas, pois souberam encontrar e reconhecer na comunidade, nos relatos das pessoas, as fontes de riqueza cultural. E encontrar essas riquezas é estimulante para os participantes, fortalece a relação de identidade com a cidade, bem como promove um encontro com diferentes significados e com distintas esferas de atividade humana, o que suscita novos gêneros do discurso e novas semioses, em textos/enunciados importantes para tecer histórias até então guardadas como tesouros por muitas pessoas, especialmente, idosos.

Se os textos/enunciados circulam em ambiente de hipermídia, certamente o trabalho colaborativo trouxe a possibilidade de flexibilização de práticas rígidas, conservadoras, visto ser possível produzir, por meio de novas linguagens, textos multissemióticos, por vezes híbridos, resultado do uso das ferramentas digitais.

As constantes transformações vividas no meio social e, conseqüentemente, no mercado de trabalho revelam-nos a urgência de reconfiguração e transformação do

sistema educacional, de forma a gerar novos aprendizados, conduzindo à reflexão sobre o papel da escola nesse processo e o compromisso que tem de formar sujeitos que tenham condições de interagir em uma sociedade digital, globalizada, constituída de singularidades, de identidades multifacetadas, de multiculturalidade, a fim de que possam construir seus próprios conhecimentos (SANTOS; SILVA, 2018, p. 307).

O Projeto Tecendo Histórias, portanto, promove interação com situações concretas, em contextos reais e significativos para o discente e sua comunidade, atuando como um importante espaço de construção de novos saberes e de novas linguagens.

5 Considerações finais

Escrever sobre os multiletramentos, analisando a primeira edição da revista do projeto Tecendo Histórias, é uma oportunidade de refazer os caminhos trilhados pelos discentes e docentes do projeto, em que vários temas relevantes foram escolhidos, diálogos foram estabelecidos e textos multimodais foram produzidos. É uma reflexão necessária para analisar criticamente os processos de escrita e de leitura atuais.

O que os estudantes leem e escrevem no cotidiano? E o que escrevem na escola? A tecnologia tão presente no dia a dia está presente na escola? Como isso interfere na relação dos sujeitos com a escrita? Essas são as perguntas que foram feitas durante o processo de produção desta pesquisa. Com a reflexão feita a partir dessas provocações, concluímos que, motivados pelos impactos do estudo das linguagens e das culturas, do protagonismo e da autoria na produção de textos que circularão socialmente, os docentes podem experimentar mudanças nas formas de ensinar. Consequentemente, os discentes podem vivenciar novas e significativas formas de aprender.

Também concluímos que práticas de multiletramentos como o Tecendo Histórias contribuem para a transgressão do currículo, com valorização de textos orais como fonte para as pesquisas que resultam na produção dos variados gêneros, para a valorização das singularidades dos alunos, para o percurso de aprendizagem de cada um e para o olhar atento aos novos saberes, que vão se construindo de maneira contínua e hipertextual, assim como propõe a pedagogia dos multiletramentos (ROJO, 2013).

Os textos analisados não são resultados de questionários aplicados de maneira fria, objetivando apenas dados para a escrita da revista. As produções analisadas demonstram a busca e o diálogo com a comunidade, o uso da tecnologia, seja para a edição da revista ou das fotos, o conhecimento de olhares subjetivos sobre memórias da cidade e a contribuição relevante para que as histórias, sempre no plural, sejam conhecidas, valorizadas e debatidas.

Conforme propõem Rojo e Barbosa (2015), a fim de pôr em diálogo as tecnologias da informação e da comunicação (TDIC) com o currículo e a pedagogia escolar, é necessário que o professor tenha formação especializada e disponha de materiais didáticos apropriados, pensando nos diversos usos que podem ser feitos dessas tecnologias. Assim, para que os alunos sejam instrumentalizados para interagir de forma autônoma com os textos digitais e com as diversas linguagens, faz-se urgente que sejam promovidas políticas de formação do educador e de ressignificação do currículo, de modo que a escola forme sujeitos multiletrados, que produzam colaborativamente sobre as suas culturas e sobre outros mundos, para os quais lancem, sempre, olhares críticos, tornando possível a intervenção e a ressignificação da realidade.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

COPE, B.; KALANTZIS, M. 'Multiliteracies': New Literacies, New Learning. In: **Pedagogies: An International Journal**, v. 4, p. 164-195, 2009.

KATO, M. A. **No mundo da escrita** - uma perspectiva psicolinguística. São Paulo, Ática. 1986.

KLEIMAN, A. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a escrever?** Brasília: Ministério da Educação, 2005. Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/kleiman-nc3a3o-basta-ensinar-a-ler-e-escrever.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.

LEMKE, L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trab. linguist. apl.** [online], v. 49, n. 2, p. 455-479, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132010000200009>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL DO IFBA 214-2018. IFBA: Bahia, 2017. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/menu-de-apoio/paginas-menu-de-apoio/pdi-2014-2018-publicado-pelo-consup-17-02-2017.pdf>. Acesso em: 10/02/2023.

PPC DO PROJETO TECENDO HISTÓRIAS. IFBA, Bahia, 2023. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/santoantonio/extensao/paginas-dos-cursos-fic/curso-de-producao-textual-e-editoracao-eletronica-de-revista-1>. Acesso em: 10/02/2023.

REVISTA TECENDO HISTÓRIAS. IFBA, Bahia, 2023. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/santoantonio/extensao/RevistaTecendoHistrias.pdf>. Acesso em: 10/02/2023.

ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R. (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, L. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 9, p. 211-221, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19516/15611>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SANTOS, S. P. N.; SILVA, O. S. F. Ações pedagógicas em contextos de multiletramento: desafios ao docente dos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Observatório**. Palmas. v. 4, n. 5, ago., 2018.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.